

A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho¹

The methodological triangulation in research on the communication in the world of work

Roseli Figaro²

RESUMO

Neste artigo, discutimos a estratégia da triangulação metodológica como alternativa capaz de construir coerência e coesão metodológica nas pesquisas de comunicação. Inicialmente, abordaremos a origem do termo triangulação e sua apropriação pelas ciências sociais como metáfora para a combinação e o cruzamento de métodos e técnicas de pesquisa. Posteriormente, faremos uma síntese de como a triangulação tem sido trabalhada por pesquisadores de diferentes áreas das ciências sociais e, na parte final do artigo, faremos a exposição de como temos nos apropriado dessa estratégia de pesquisa, incorporando-a aos nossos projetos de investigação. Essa abordagem se justifica porque, em investigações realizadas pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, que congrega um grupo de pesquisadores em nível de pós-graduação, vimos aplicando a triangulação metodológica, com métodos quantitativos e qualitativos de recolha de dados. As pesquisas acolhem um volume grande e diferenciado de informações que comportam dados de fontes primárias e secundárias, e compreendem dados recolhidos por meio de questionário de múltipla escolha, observação, falas recolhidas em entrevistas e grupos de discussão. A análise desses dados têm possibilitado o avanço da reflexão teórica e a proposição de projetos de intervenção relacionados à comunicação no mundo do trabalho.

Palavras-chave: triangulação metodológica, comunicação, mundo do trabalho, métodos quantitativos, métodos qualitativos, pesquisa empírica.

ABSTRACT

In this article, we discuss the strategy of methodological triangulation as an alternative able to build coherence and cohesion in the methodological research communication. Initially, we discuss the origin of the term triangulation and its appropriation by the social sciences as a metaphor for the combination and crossing methods and research techniques. Subsequently, we will make a summary of how the triangulation has been crafted by researchers from different areas of the social sciences and, at the end of the article, we will show how we have used this search strategy, incorporating it to our research projects. This approach is justified because in investigations conducted by the Centre for Research in Communication and Work, which brings together a group of researchers at the graduate level, we have been applying the methodological triangulation, with quantitative and qualitative methods of data collection. Research studies gather a large and differential volume of information that contains data from primary and secondary sources, and comprise data collected through multiple choice questionnaires, observation, words collected in interviews and discussion groups. The analysis of these data has enabled the advancement of theoretical reflections and the proposal of intervention projects related to communication in the world of work.

Keywords: methodological triangulation, communication, world of work, quantitative methods, qualitative methods, empirical research.

¹ A primeira versão deste artigo foi apresentada no XIII Congresso Internacional Ibercom Comunicação, Cultura e Esferas de Poder, Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, maio de 2013.

² Escola de Comunicações e Artes da USP. Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, 05508-020, Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: figaro@uol.com.br

Introdução

Grande parte das pesquisas em Comunicação está circunscrita à composição de um *corpus* de análise oriundo dos produtos culturais dos meios de comunicação. Jornais, revistas, telenovelas, filmes, *blogs* e outros produtos culturais têm sido fonte de pesquisas para responder a questões ligadas à composição dos respectivos gêneros, com o objetivo de compreender a estrutura ou a gramática que articula o texto comunicacional. Essa abordagem de pesquisa também problematiza os pontos de vista a partir dos quais os temas pautados pelos veículos são discursivizados. São estudos centrados na função dos meios de comunicação na sociedade, no poder que os veículos de comunicação exercem, e sobre a influência deles na cultura. Esses estudos têm uma larga produção no campo da Comunicação, seja na tradição teórica da escola funcionalista, norte-americana, desde Harold Lasswell (1971) com a análise de conteúdo da propaganda; seja na perspectiva da escola crítica, desde Adorno e Horkheimer, seja na semiótica, a partir de Roland Barthes ou de Umberto Eco. Esses são estudos bastante consolidados teórica e metodologicamente na área da Comunicação.

De outra parte, a pesquisa empírica tem relativamente pouco volume nos estudos dos processos comunicacionais. Exceção feita a Robert Ezra Park, representante da Escola de Chicago, que, desde os anos de 1920 e de 1930, influenciou muitas pesquisas empíricas nas Ciências Sociais, com a técnica da entrevista. Também os Estudos Culturais trouxeram novos aportes, sobretudo, com a observação participante e a etnografia das audiências.

Um dos pressupostos para explicar o menor volume de pesquisas empíricas pode ser a influência, em nosso campo de estudos, do cientificismo de herança positivista. O positivismo relegou menor *status* à contribuição de pesquisas empíricas nas Ciências Sociais, por causa da aplicação de métodos qualitativos de investigação. A crítica cientificista resvala, quase sempre, em torno do argumento da falta de condições de verificação e controle dos dados obtidos por pesquisas empíricas com estratégias qualitativas de investigação.

No campo da Comunicação, esse tipo de argumento, da falta de rigor e controle dos dados, permeou

e permeia as discussões acadêmicas sobre as pesquisas e seus resultados. Os Estudos de Recepção³ têm sido um dos alvos. Essas críticas, ao invés de propiciarem o desenvolvimento e o avanço da pesquisa, acabam por inibir novos pesquisadores a embrenharem-se na seara da compreensão do processo comunicacional.

Para contribuir com essa discussão, este artigo tem o objetivo de tratar da estratégia da triangulação metodológica como alternativa capaz de construir coerência e coesão nas pesquisas empíricas no campo da comunicação. Inicialmente, explicitaremos nossa compreensão de pesquisa empírica para, em seguida, discutirmos a origem do termo triangulação e sua apropriação pelas Ciências Sociais como metáfora para a combinação e o cruzamento de metodologias e técnicas de pesquisa. Posteriormente, faremos uma síntese de como a triangulação tem sido trabalhada por pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Sociais e, na parte final do artigo, faremos a exposição de como temos nos apropriado dessa estratégia de pesquisa, incorporando-a aos nossos projetos de investigação.

Pesquisa empírica e metodologia qualitativa

Quem faz ciência hoje buscando a verdade? A história do pensamento científico já é bastante sólida e coerente para nos permitir afirmar que ninguém busca “a verdade”. Os cientistas buscam o conhecimento de determinados aspectos da vida biológica, física, psicológica, cultural, social e como esses aspectos se articulam em momento específico da história e da sociedade.

O conhecimento científico é um conhecimento produzido com método, por pessoas especializadas em uma determinada área ou em um campo científico (Bourdieu, 1983). A pesquisa científica começa com a elaboração de um problema, de uma pergunta dirigida a determinada área do conhecimento. Na Física, a pergunta “como os corpos se movimentam” remete a um conjunto de possibilidades de teorias e de métodos que, de maneira coerente, levam a respostas. Nas Ciências

³ Esse tipo de crítica também dissimula determinada compreensão do conceito de comunicação. Jesús Martín-Barbero, Dominique Wolton entre outros têm dado contribuições efetivas a essa discussão. Outra questão diz respeito à palavra *recepção*, que, há muito, tem sido questionada pelos pesquisadores da área. Mas, dado o que já se acumulou de conhecimento sobre o tema, o nome perdura.

Sociais, a pergunta “como as pessoas se informam” também remete a inúmeras possibilidades de abordagem teórica e metodológica. Dessa maneira, a Ciência como uma forma de produzir conhecimento abre um vasto leque de possibilidades de caminhos teórico-metodológicos para se responder questões enunciadas como tema de pesquisa.

Duarte (2009) reporta-se a “guerras” entre paradigmas teóricos – positivista e construtivista – para explicar as disputas nas Ciências Sociais em torno dos métodos de pesquisa. O positivismo (Augusto Comte, no século XIX) inaugura a Sociologia como Ciência Social capaz de objetivamente conhecer o social tanto quanto as chamadas ciências exatas conhecem os fenômenos físico-químicos. As Ciências Sociais, no modelo teórico positivista, buscam uma única verdade por meio de leis que podem ser generalizadas; o pesquisador não deve contaminar seu objeto de estudo com seu ponto de vista; fatos e valores são independentes. O método dedutivo (do geral para o particular) ancora-se no modelo teórico e verifica, na pesquisa, sua comprovação, no mais das vezes, prevalece o método quantitativo (Duarte, 2009; Alves-Mazzotti, 1996).

Em contraposição, o construtivismo se identifica com a abordagem de que a realidade é múltipla e construída; o sujeito e o objeto de observação são inseparáveis; fatos e valores são intrinsecamente ligados; predomina a lógica indutiva, do particular para o geral; e, se requer conceitos sensibilizadores para se estudar o contexto social; prevalece o método qualitativo (Duarte, 2009).

Ao abandonar esse esquema rígido e maniqueísta, podemos voltar nossa atenção para a especificidade da pesquisa empírica. A investigação empírica diz respeito ao “modo de fazer pesquisa por meio de um objeto localizado dentro de um recorte do espaço social” (Meksenas, 2007, p. 1). Segundo o autor, a pesquisa empírica é uma modalidade de pesquisa que se realiza no campo social, em interações face a face e demanda a presença do pesquisador no espaço em que se dão as relações sociais. Para Meksenas, a pesquisa empírica

lida com processos de interação e face a face, isto é, o pesquisador não pode elaborar a pesquisa em “laboratório” ou em uma biblioteca – isolado e apenas com livros à sua volta. Nesta modalidade da elaboração do conhecimento, o pesquisador precisa “ir ao campo”, isto é, o pesquisador precisa inserir-se no espaço social coberto pela pesquisa; necessita estar com pessoas e presenciar as relações sociais que os sujeitos-pesquisados vivem.

É uma modalidade de pesquisa que se faz em presença (Meksenas, 2007, p. 1).

Essa modalidade de pesquisa demanda investimentos de ordem temporal, de recursos humanos e financeiros, motivo pelo qual muitos a abandonam, optando por outro tipo de estratégia. Diversos autores (Veronese, 2011; Meksenas, 2007 e Bastian, 2000) destacam as dificuldades em seus respectivos campos acadêmicos – no caso, o direito, a educação e a música – no sentido do reconhecimento do pesquisador que se dedica à pesquisa empírica. Essas dificuldades estão ligadas às considerações que Duarte (2009, p. 4) classifica como “disputas ou guerras” de paradigmas.

Thiollent (2002, p. 9) afirma que a pesquisa empírica é voltada para a “descrição de situações concretas e para a intervenção ou a ação orientada em função de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas.” O autor destaca os campos da educação, da comunicação e da organização como aqueles de interesse para os estudos dos problemas metodológicos da pesquisa empírica. O destaque que se dá à abordagem empírica nas pesquisas não autoriza o menosprezo teórico relativo à necessidade de o pesquisador estar ancorado por fundamentado quadro de referência teórica. Thiollent afirma: “Não nos parece haver incompatibilidade no fato de progredir na teorização a partir da observação e da descrição de situações concretas [...]” (2002, p. 9).

Na perspectiva da pesquisa envolvida com recolha direta de dados de um grupo de informantes, localizado em dada realidade social concreta, métodos quantitativos e qualitativos podem ser utilizados desde que os objetivos e a coerência da pesquisa empírica sejam mantidos. No que diz respeito aos métodos qualitativos de recolha de dados, podemos nos apropriar da definição de Cook para afirmar:

a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes (Cook, 1981, in Denzin e Lincoln, 2006, p. 17).

Envolvem, desse modo, inúmeras técnicas de recolha de informações, podendo cruzá-las para que a observação e a análise possam ser efetuadas de maneira a contar com as controvérsias naturais ao estudo das rela-

ções sociais, dando consequência à complexidade que lhe é inerente. Dessa maneira, deixa-se de lado o confronto entre paradigmas, porque ele se mostra secundário frente à força da necessidade do estudo de realidades sociais concretas e que estão além, em termos de importância, de enquadramentos teórico-filosóficos incapazes de apreender a dinâmica e o movimento dos temas relativos às Humanidades e às Ciências Sociais.

Nessa discussão ainda cabe o tema da polêmica sobre o uso de técnicas quantitativas em pesquisas que tenham perfil eminentemente qualitativo. Discussão intensificada pelos contrastes epistemológicos das pesquisas com finalidade de generalizações estatísticas, em relação ao caráter descritivo e analítico das técnicas qualitativas. No entanto, inúmeros autores convergem para o ponto de que há coerência na pesquisa que recorre a técnicas diversificadas – mesmo em se tratando das quantitativas – desde que a coesão da investigação seja mantida em relação a seus objetivos, hipóteses e quadro de referências teóricas. Ainda nesse sentido, Duarte afirma que

apesar de comumente se advogar a impossibilidade de generalização, esta existe nas duas concepções, uma generalização baseada na inferência estatística para a população versus uma generalização para outros contextos ou uma generalização teórica em que os resultados são extrapolados em relação à sua aplicação teórica (Duarte, 2009, p. 9).

Flick (1998) afirma que a pesquisa qualitativa pode recorrer a diversificadas metodologias de investigação. Denzin e Lincoln (2006) são mais enfáticos quanto à possibilidade do recurso a várias metodologias para a busca de dados em uma investigação. Eles afirmam que as pesquisas qualitativas não privilegiam esta ou aquela técnica de pesquisa e que é difícil enquadrá-las em um único terreno de discussões, bem como defender que elas pertencem a uma única disciplina, a uma teoria e a um único paradigma. “Há múltiplos paradigmas teóricos que alegam empregar os métodos e as estratégias da pesquisa qualitativa, desde os estudos construtivistas aos culturais, passando pelo feminismo, pelo marxismo e pelos modelos étnicos de estudo.” (Denzin e Lincoln, 2006, p. 20).

Nessa mesma linha de discussão, os autores ressaltam que as pesquisas qualitativas podem recorrer a inúmeras estratégias de análise. “Os pesquisadores qualitativos utilizam a análise semiótica, a análise da narrativa, do conteúdo, do discurso, de arquivos e a fonêmica e até

mesmo as estatísticas, as tabelas, os gráficos e os números.” (Denzin e Lincoln 2006, p. 20).

É a essa combinação de abordagens metodológicas que se vai denominar de triangulação.

A Triangulação metodológica

O termo triangulação não é novo nas pesquisas nas Ciências Sociais. Mesmo assim, é útil para nossos objetivos tratar de seu desenvolvimento. Segundo Duarte (2009), o termo triangulação é oriundo da navegação e da topografia. Nessas áreas, a triangulação é um método para determinar uma posição e o alcance de um ponto referencial, por exemplo, um determinado ponto C, desde que se tenham informações suficientes entre as distâncias A e B que ajudam a localização. Os ângulos entre os pontos formam a figura de um triângulo.

Mas essa origem será tratada de maneira menos literal nas Ciências Sociais e Humanas. Duarte afirma que “o termo triangulação começa a ser construído na área da Psicologia por Campbell e Fiske (1959), que se propuseram a completar ou testar empiricamente os resultados obtidos utilizando diferentes técnicas quantitativas” (Duarte, 2009, p. 10). Ainda segundo Duarte, outros pesquisadores retomam o ponto de vista de Campbell e Fiske e ampliam sua aplicação ao defenderem que a “obtenção de dados de diferentes fontes e a sua análise, recorrendo a estratégias distintas, melhoraria a validade dos resultados” (2009, p. 21). Para Günther (2006) a triangulação é a utilização de diferentes abordagens metodológicas do objeto empírico para prevenir possíveis distorções relativas tanto à aplicação de um único método quanto a uma única teoria ou um pesquisador. Denzin e Lincoln afirmam que o “uso de múltiplos métodos, ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão” (2006, p. 19). Para eles, a triangulação é um caminho seguro para a validação da pesquisa. É a alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas, perspectivas e observadores em uma mesma pesquisa, o que garante rigor, riqueza e complexidade ao trabalho (2006, p. 19).

Deve-se entender a relação entre os tipos diferentes de pesquisa como complementaridades e não como dicotomias; “a debilidade de cada método simples se

compensará com o contrapeso da força do outro” (Jensen e Jankowski, 1993, p. 78).

Segundo Jensen e Jankowski (1993), há quatro tipos de triangulação: de dados, de investigador, de teoria e de métodos. A triangulação de dados trata das diferentes dimensões de tempo, de espaço e de nível analítico a partir dos quais o pesquisador busca as informações para sua pesquisa. A triangulação de pesquisadores é a construção de equipe composta por investigadores de diferentes áreas do saber. A triangulação de teoria pressupõe a abordagem do objeto empírico por perspectivas conceituais e teóricas diferentes. A triangulação metodológica é adotada quando se utilizam diferentes métodos de investigação para a recolha de dados e a análise do objeto em estudo.

Stake (1995) tem na triangulação a alternativa para a maior precisão dos protocolos nos estudos de caso. Para Souza e Zioni (2003), a triangulação surge da necessidade ética para confirmar a validade dos processos. Sem propor-se como a panaceia para todos os problemas, a abordagem da triangulação serve aos objetivos da pesquisa e, nesse sentido, contribui para que os resultados alcançados possam ser verificados a partir de variados aspectos.

Denzin e Lincoln completam o cenário de realce das vantagens da abordagem da triangulação ao afirmarem:

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorar visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas (2006, p. 20).

Frente a essas vantagens destacadas pelos dois autores, cabe ainda a discussão sobre a combinação, em uma mesma pesquisa, de métodos quantitativos e qualitativos. Com relação a esse tema, Duarte dá sua contribuição ao afirmar que ambos os métodos podem ser combinados de formas diferentes na mesma pesquisa. A autora destaca que a investigação quantitativa também pode ser “facilitadora da qualitativa ou ainda ambas assumirem a mesma importância” (2009, p. 15).

As perspectivas apontadas pela combinação de métodos, teorias e pesquisadores nas abordagens da triangulação em pesquisas empíricas demonstram um caminho fecundo para a formação de grupos de investigadores pertencentes a uma mesma área do conhecimento ou para arranjos de coletivos interdisciplinares oriundos de distintos campos científicos. Vale citar algumas experiências de

outras áreas do conhecimento (que não da comunicação) que se apropriam da triangulação para desenvolver seus objetivos de pesquisa.

A estratégia da triangulação adotada por diversos campos do conhecimento

No livro *O clássico e o novo. Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*, Goldenberg *et al.* (2003) nos dão uma visão geral sobre as problemáticas das pesquisas na área. Dois capítulos do livro abordam o tema da triangulação nas pesquisas em saúde pública. Para Minayo e Minayo-Gómez, autores de um dos capítulos, a combinação de métodos diz respeito à triangulação e é diferente da abordagem interdisciplinar, que exige a ocorrência de múltiplos olhares disciplinares sobre um mesmo objeto de pesquisa. Eles afirmam que “nenhum método pode se arrogar a pretensão de responder sozinho as questões que a realidade social coloca” (2003, p. 136). Nesse sentido, a triangulação metodológica pode “iluminar a realidade a partir de vários ângulos, o que permite confluências, discordâncias, perguntas, dúvidas, falseamentos, numa discussão interativa e intersubjetiva na construção e análise dos dados” (Minayo e Minayo-Gómez, 2003, p. 136). Já no capítulo de Briceño-León, há o relato da pesquisa que combina métodos qualitativos e quantitativos. Ele discute a tomada de decisão pelo pesquisador sobre iniciar a pesquisa com técnicas qualitativas ou quantitativas e como tal decisão está vinculada aos objetivos da empreitada, ao que já se conhece sobre o objeto e a clareza sobre as hipóteses da pesquisa. Ele comenta, como exemplo, pesquisa realizada na Venezuela em 1992.

Em um estudo que fizemos sobre as classes sociais na Venezuela, foi elaborado um conjunto de procedimentos matemáticos que permitiram estabelecer, teoricamente, a distinção entre classes sociais; em seguida, foram realizadas entrevistas indagando sobre os hábitos, pertences, gostos, rendas e gastos, educação dos indivíduos e suas famílias etc. Com estes dados foram elaborados os clusters, que representavam estratos sociais com medidas simplificadas de modo de vida, ou seja, como ‘tipos ideais’ de uma segmentação social. Mas isto resultava muito frio, e assim ficou decidido que,

de cada um dos seis estratos sociais identificados, nós deveríamos realizar histórias de vida que mostrassem a singularidade dos indivíduos, que refletiam a sua classe e estrato social, revelando, na sua biografia, que eram muito mais do que o estrato social ao qual pertenciam (Briceño-León, 2003, p. 173).

Como mostra o relato, a estratégia adotada pelo pesquisador trouxe ganhos efetivos para a investigação.

Outro campo das Ciências Sociais que se utiliza da triangulação metodológica é o da Administração. Lyra, Gomes e Jacovine, em artigo de 2009, tratam do papel dos *stakeholders* na sustentabilidade de empresas. Os pesquisadores recorrem ao estudo de caso, realizam entrevistas com os empregados, pesquisa documental, análise do jornal interno da empresa, além de levantamento de informações sobre a área onde se localiza a empresa. Afirmam: “a técnica utilizada para coleta e tratamento dos dados tem como objetivo principal o desenvolvimento de linhas convergentes de investigação, proporcionando conclusões mais convincentes e acuradas sobre um mesmo fenômeno.” (Lyra *et al.*, 2009, p.45).

Também na Psicologia, podemos citar exemplo de pesquisa que adota a abordagem da triangulação. Roncaglio (2004) realiza estudo sobre a relação professor-aluno na educação superior e a influência que esta recebe da gestão educacional. Para tratar da temática, a autora desenvolveu pesquisa etnográfica com o acompanhamento dos sujeitos por 10 semanas. Além da observação dos sujeitos selecionados para a pesquisa, a pesquisadora esclarece que:

Fizemos entrevistas, a fim de apreender a visão de cada um desses atores sobre essa relação e compreender a relação professor-aluno no ensino superior e a influência da gestão educacional. Além das entrevistas com professores e alunos, realizamos observações nos espaços onde transitam quando não estão em aula, como a própria sala de aula, a sala dos professores, a secretaria, os corredores, e outros (Roncaglio, 2004, p. 102).

Com o recurso da triangulação de teoria e de dados, a pesquisadora chegou a conclusões relevantes que indicam a necessidade de maior integração dos profissionais na preparação dos planos pedagógicos e com as expectativas apontadas pelos alunos do ensino superior.

Já a pesquisa de Leffa (2006) trata da aplicação da aprendizagem de língua estrangeira mediada por computador. É um estudo da área da Linguística que visa a entender os processos de aprendizagem mediados por

computador. Ele realiza uma abordagem de triangulação de dados, reunindo várias fontes de informação em seu estudo de caso.

Esses são alguns exemplos de pesquisas que adotam a abordagem da triangulação como estratégia para cumprir seus objetivos. Todos esses exemplos constroem um rico levantamento de dados empíricos que são cruzados em análises que atendem às especificidades dos objetos em estudo e, por meio de questionamentos múltiplos, chegam a resultados que podem orientar ações e proposições em diferentes esferas institucionais.

Na área da Comunicação, o exemplo que discutiremos de triangulação metodológica é o desenvolvido pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho para o estudo das mudanças no mundo do trabalho dos comunicadores e, no caso aqui relatado, no mundo do trabalho dos jornalistas.

A triangulação metodológica nos estudos de comunicação

Nas investigações sobre *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista* (Figaro *et al.*, 2013), realizadas pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, a estratégia de triangulação articula a primeira fase da pesquisa de método quantitativo, cujo instrumento de pesquisa é o questionário fechado de múltipla escolha, à segunda fase, que usa métodos qualitativos. A fase qualitativa mobiliza diferentes instrumentos de pesquisa: a entrevista face a face com o roteiro de perguntas abertas; e o grupo de discussão, com o roteiro dos temas mais polêmicos encontrados na aplicação dos instrumentos anteriores.

Essa estratégia permite a composição de amostras recolhidas de ambientes de trabalho diferentes e em diferentes tempos e espaços. Nessa triangulação de dados, os respondentes do instrumento quantitativo de pesquisa foram abordados em períodos diferentes e em espaços também diferentes: 2007 (jornalistas de empresa de comunicação receberam o questionário num mesmo período por meio da intranet da empresa); 2009 (jornalistas com diferentes vínculos empregatícios foram contatados via rede social); 2009 (jornalistas sócios do Sindicato dos jornalistas profissionais no Estado de São Paulo receberam o instrumento de pesquisa via *e-mail* disponibilizado pela

entidade); 2010 (jornalistas *freelancers* da cidade de São Paulo receberam instrumento de pesquisa via rede social especializada).

O questionário fechado de múltipla escolha da fase quantitativa é subdividido em três etapas: dados pessoais, dados profissionais, hábitos de consumo cultural e acesso aos meios de comunicação. Essa etapa da pesquisa não tem objetivo estatístico e sim de representatividade social.

Na fase qualitativa, a triangulação de técnicas de recolha de dados tem duas etapas: a entrevista individual, a partir da seleção de depoentes do quadro da amostra consolidada da fase quantitativa; e a discussão em grupo, também composto a partir da seleção de depoentes extraídos da amostra consolidada da fase quantitativa.

Sempre houve certo preconceito em relação à pesquisa qualitativa e a alguns de seus instrumentos (a entrevista, por exemplo), fato que ainda perdura, mas a entrevista é um dos instrumentos mais utilizados nas pesquisas em Comunicação. Becker (1994), Jankowski e Wester (1993), Gaskell (2007) salientam a oportunidade do uso desse recurso na investigação nas Ciências Sociais.

A entrevista é um diálogo construído pelo pesquisador/entrevistador que, orientado pelos objetivos de sua pesquisa, elabora um roteiro de perguntas que possa levá-lo a obter os dados necessários para as indagações de seu projeto. Por ser um diálogo, a interação com o outro – com o entrevistado – é uma preocupação que deve constar da pauta do pesquisador. A posição de entrevistador, conforme salienta Tarallo (1985), é a do pesquisador aprendiz interessado. Medina (1986), tratando da entrevista jornalística, fala de diálogo interativo.

A comunicação que se estabelece entre os enunciadores/enunciários, participantes do diálogo da entrevista, como gênero primário (Bakhtin, 1992, p. 281), precisa ser considerada em relação ao tema, ao local, aos objetivos propostos pela pesquisa, mas sem desconsiderar que o entrevistado também tem seus objetivos e que aquele momento de fala não está desligado de outros discursos.

Com relação à técnica do grupo de discussão (também chamado de grupo focal), Barbour (2009) salienta que o uso mais frequente desse instrumento é para a fase exploratória de um projeto de pesquisa, ou seja, como uma fase preliminar para se testar hipóteses; ou, então, para recolha de impressões sobre um fato que está se desenvolvendo, por exemplo, uma campanha. Mas a pesquisadora também salienta o instrumento como propício para “capturar a interação entre os participantes” (Barbour, 2009), o que é

bastante relevante quando se trata de pesquisas com esse desenho metodológico, cuja triangulação de métodos e dados visa a construir um quadro de perfis de profissionais e aprofundar as temáticas sobre a profissão.

Como se vê, a pesquisa empírica mobiliza diferentes instrumentos metodológicos de recorte, composição de amostra e seleção com o objetivo de produzir dados e elementos diversificados a partir dos quais se realiza a análise e a interpretação em bases mais amplas e na confrontação de informações. Esse desenho metodológico tem se mostrado muito útil para o desenvolvimento de pesquisas no âmbito do binômio comunicação e trabalho.

Considerações finais

As Ciências Sociais e, entre elas, o campo da Comunicação vêm se apropriando de estratégias metodológicas capazes de atender à complexidade dos objetivos das pesquisas empíricas. A triangulação é uma abordagem metodológica que requer um desenho de pesquisa, cujo desenvolvimento pode contar com técnicas de recolha de dados diferentes, tanto com instrumentos para a pesquisa quantitativa quanto para a pesquisa qualitativa ou ainda mobilizando instrumentos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa. Ela tem se mostrado competente porque permite coletar informações a partir de fontes, espaços e tempos diferentes. Pode ainda triangular teorias e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento.

Dessa discussão sobre a triangulação metodológica, o que se constata é a preocupação dos pesquisadores em obter dados capazes de propiciar análises mais sólidas sobre os problemas em estudo. No campo da Comunicação, a triangulação metodológica também pode e deve ser usada sem preconceitos nas pesquisas empíricas. Ela traz ganhos efetivos em termos do amadurecimento dos grupos e dos coletivos de pesquisadores. Além disso, o envolvimento com o objeto empírico demanda maior compromisso com o retorno à sociedade sobre os resultados da investigação. Sem propor-se como a panaceia para todos os problemas, a abordagem da triangulação serve aos objetivos da pesquisa e, nesse sentido, contribui para que os resultados alcançados possam ser verificados a partir de variados aspectos. Para concluir, reafirmamos que a metodologia serve à pesquisa, ao problema e aos objetivos que se quer alcançar. Não há método certo ou errado. Há método adequado ao que se quer saber.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A.J. 1996. O debate atual sobre os paradigmas da pesquisa em educação. *Cadernos de Pesquisa*, **96**(96):15-23.
- BAKHTIN, M. 1992. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 421 p.
- BARBOUR, R. 2009. *Grupos focais*. Coleção pesquisas qualitativas. Porto Alegre, Artmed, 216 p.
- BASTIAN, H.G. 2000. A pesquisa (empírica) na educação musical à luz do pragmatismo. *Em Pauta*, **11**(16):75-106. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/viewFile/9379/5551>. Acesso em 06/12/2013.
- BECKER, H.S. 1994. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3ª ed., São Paulo, Hucitec, 178 p.
- BOURDIEU, P. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 208 p.
- BRICEÑO-LEÓN, R. 2003. Quatro modelos de integração de técnicas qualitativas e quantitativas de investigação nas Ciências Sociais. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R.M.G.; GOMES, M.H.A. (org.), *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Fiocruz, p. 173.
- CAMPBELL, D.T.; FISKE, D.W. 1959. Convergent and discriminant validation by the multitrait - multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, **56**(2):81-105. <http://dx.doi.org/10.1037/h0046016>
- COOK, D.A. 1981. *A history of narrative film*. New York, WW Norton, 721 p.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. 2006. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Penso, 432 p.
- DUARTE, T. 2009. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *Cies e-working paper*. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf. Acesso em: 05/12/2013.
- FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. 2013. As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas. São Paulo, Salta/Atlas, 326 p.
- FLIK, U. 1998. *Qualitative research*. London, Sage, 256 p.
- GASKELL, G. 2007. Entrevistas individuais e grupais. In: M. BAUER; G. GASKELL, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. 6ª ed., Petrópolis, Vozes, p. 64-89.
- GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R.M.G.; GOMES, M.H.A. (org.). 2003. *O clássico e o novo: Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 445 p.
- GÜNTHER, H. 2006. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **22**(2):201-210.
- JANKOWSKI, N.W.; WESTER, F. 1993. La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: contribuciones a la comunicación de masa. In: K.B. JENSEN; N.M. JANKOWSKI (eds.), *Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona, Bosch, p. 57-91.
- JENSEN, K.B.; JANKOWSKI, N.M. (eds.). 1993. *Metodologias cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona, Bosch, 324 p.
- LASSWELL, H. 1971. *Propaganda techniques in world war*. Massachusetts, MIT Press, 268 p.
- LEFFA, V.J. 2006. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: V.J. LEFFA (org.), *Pesquisa em lingüística aplicada: temas e métodos*. Pelotas, Educat, p. 11-36.
- LYRA, M.G.; GOMES, R.C.; JACOVINE, L.A.G. 2009. O papel dos stakeholders na sustentabilidade da empresa: contribuições para construção de um modelo de análise. *RAC*, **13**(Edição Especial):39-52. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 08/12/2013.
- MEKSENAS, P. 2007. Aspectos Teóricos e Metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição da obra de Paulo Freire. In: 1ª Semana de Estudos Freirianos, Joinville, 2007. *Anais...* **1**:6-15.
- MEDINA, C. 1986. *Entrevista - O diálogo possível*. São Paulo, Ática, 96 p.
- MINAYO, M.C.S.; MINAYO-GÓMEZ, C. 2003. Díficeis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: P. GOLDENBERG; R.M.G. MARSIGLIA; M.H.A. GOMES (org.), *O clássico e o novo: Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Fiocruz, p. 117-142.
- RONCAGLIO, S.M. 2004. A Relação professor-aluno na educação superior: a influência da gestão educacional. *Psicologia ciência e profissão*, **24**(2):100-111. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000200011>
- SOUZA, D.V.; ZIONI, F. 2003. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. *Saúde e Sociedade*, **12**(2):76-85. Disponível em: www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/08.pdf. Acesso em: 05/12/2013.
- STAKE, R. 1995. *The art of case study research*. Thousand Oaks, Sage Publications, 175 p.
- TARALLO, F. 1985. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 96 p.
- THIOLLENT, M. 2002. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11ª ed., São Paulo, Cortez, 107 p.
- VERONESE, A. 2011. Considerações sobre o problema da pesquisa empírica e sua baixa integração na área de Direito: a tentativa de uma perspectiva brasileira a partir da avaliação dos cursos de pós-graduação do Rio de Janeiro. In: F.G. de MIRANDA NETTO (org.), *Epistemologia e Metodologia do Direito*. Campinas, Millenium, p. 109-130.

Submissão: 21/10/2013

Aceite: 02/01/2014